



CONSOLADOR

COMUNIDADE ESPÍRITA CRISTÃ

ANO 17 • N ° 68 • Mar/Abr de 2026

Distribuição gratuita

NOSSO GRANDE DESAFIO

ÉDER ANDRADE

Estamos vivendo um momento de transição planetária extremamente difícil, que desafia todo o conhecimento científico e moral da nossa história.

Sabemos que devemos ser brandos, pacíficos e resilientes; porém, os acontecimentos que presenciamos nas redes sociais levantam um novo questionamento: será que, para avançarmos cientificamente, teremos de regredir moralmente como sociedade?

Parece que nossos governantes não aprenderam com os livros de História e reproduzem as mesmas atitudes incoerentes dos nossos antepassados, principalmente no que diz respeito aos interesses políticos e econômicos. Esses acontecimentos acabam se desdobrando em comprometimentos que agravam a nossa condição espiritual enquanto nação ou civilização.

As advertências que a espiritualidade nos ofereceu, por intermédio da mediunidade de Chico Xavier, na década de 1930 (período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial), parecem ter caído no esquecimento.

No livro *Emmanuel*, psicografado por Chico Xavier, seu mentor espiritual procura despertar o compromisso coletivo da sociedade com o próprio futuro. Assim escreveu:

Em vossos dias, a luta a cada momento recrudesce sobre a face do mundo; inúmeras causas a determinam, e Deus permite que ela seja intensificada, em benefício de todos os seus filhos. Todas as classes são obrigadas a grandes trabalhos, mormente aos trabalhos intelectuais, porquanto procuram, com afinho, a solução da crise generalizada em todos os países. O quadro material que existe na Terra não foi formado pela vontade do Altíssimo; ele é o reflexo da mente humana, desvairada pela ambição e pelo egoísmo.¹

As revelações tiveram um efeito quase homeopático na maioria das pessoas; foram poucos

Leia nesta edição

O caso que Chico Xavier me contou	2
A melhora da morte	3
O Espiritismo no Brasil antes de Chico Xavier	4
Homenagem à A.B.E. Consolador – S. J. do Rio Preto/SP	6
Livro do bimestre	6
Cantinho da poesia	7

aqueles que perceberam a dimensão da responsabilidade contida nas advertências do Mundo Espiritual.

Chico Xavier costumava buscar a paz e a reflexão em uma represa próxima a Pedro Leopoldo, à sombra de uma árvore. Ali, à beira da represa, encarava o céu e rezava ao som das águas quando foi surpreendido:

Franziu os olhos e percebeu, entre os raios de luz, a poucos metros, a figura de um senhor imponente, vestido com uma túnica típica de sacerdotes. O recém-chegado foi direto ao assunto:— Está disposto a trabalhar na mediunidade?

— Sim, se os bons espíritos não me abandonarem.

— Você não será desamparado, mas, para isso, é preciso que trabalhe, estude e se esforce no bem.

— O senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso? — Perfeitamente, desde que respeite os três pontos básicos para o serviço: **disciplina, disciplina e disciplina.**

Chico Xavier concordou. E o estranho aproveitou a deixa:— Temos algo a realizar. **Trinta livros** para começar.²

Uma proposta audaciosa para um jovem de 21 anos naquela época. Antevia-se o cenário mundial que se descortinava, e Emmanuel precisava capacitar aqueles interessados a não se deixarem arrastar pelo materialismo, que ainda hoje determina os padrões de felicidade. Foram aqueles que tiveram olhos de ver e ouvidos de ouvir que se beneficiaram das revelações e da convivência fraterna com Chico Xavier.

Podemos também destacar, no livro *A Caminho da Luz*, a passagem que ressalta a importância do Espiritismo para a Humanidade, em pleno século XIX,

com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857:

*O Espiritismo vinha, desse modo, na hora psicológica das grandes transformações, alentando o espírito humano para que não se perdesse o fruto sagrado de quantos trabalharam e sofreram no esforço penoso da civilização. Com as provas da sobrevivência, vinha reabilitar o Cristianismo que a Igreja deturpara, semeando, de novo, os eternos ensinamentos do Cristo no coração dos homens. Com as verdades da reencarnação, veio explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do progresso humano.*³

A maioria dessas obras foi psicografada e editada há quase 90 anos, com a finalidade de despertar sentimentos mais elevados e altruístas para *que as futuras gerações, que se encontram nos dias de hoje, percebessem a dificuldade que a Humanidade como um todo ainda tem para alcançar o Mundo de Regeneração, tão desejado.*

Bibliografia

1. Xavier, Francisco Cândido; *Emmanuel* (1937). Pelo Espírito Emmanuel; Cap. V – *A Necessidade da Experiência*. Ed. FEB.
2. Maior, Marcel Souto; *As Vidas de Chico Xavier* (2022) - Nova edição ampliada e atualizada - Planeta; Edição Kindle.
3. Xavier, Francisco Cândido; *A Caminho da Luz* (1938), Pelo Espírito Emmanuel; Cap. XXIV – *O Espiritismo e as grandes transições: Restabelecendo a Verdade*. Ed. FEB.

O CASO QUE CHICO ME CONTOU

GERSON SESTINI

Certa vez em que fui a Uberaba, ao me atender na longa fila que se formara, Chico ofereceu-me a oportunidade a um diálogo. Lembrei-me de comentar sobre o desencarne dos filhos do senhor Nicolau Saad, um rico comerciante do Rio que havia se tornado espírita e, como tal, auxiliava várias instituições, inclusive o Consolador que havíamos ajudado a fundar. Ele havia perdido seus dois filhos, estando estes como carona em carros de colegas, em dois lamentáveis acidentes. Embora os rapazes possuíssem seus belos carros esportivos, eles não tinham sido vítimas de extravagâncias juvenis.

A perda dos dois únicos filhos deixou os pais desolados. Chico ouvia-me com atenção e falou-me a respeito da necessidade da fé ao sermos atingidos pelas fatalidades que constam nos desígnios de Deus. Não deu notícias sobre os rapazes ou o motivo daqueles dramáticos acontecimentos. Mas lembrou-se de um caso em que fora testemunha. Usarei as minhas palavras, e espero que seu espírito possa me inspirar, pois as suas sempre foram mais apropriadas e iluminadas.

— "É preciso muita fé mesmo, meu amigo, o fato que vou narrar aconteceu numa cidade aqui em Minas, assolada por uma epidemia que vitimava famílias inteiras. O médico que as atendia, ateu que era, criticava os que se voltavam à religião, pedindo clemência diante de tanta dor por perder seus familiares. Um senhor, conhecido meu, pai de muitos filhos, foi perdendo um a um dos seus rebentos, mostrando notável conformação ao entregá-los a Deus. Um dia, quando foram buscar o atestado de óbito pelo desencarne de mais um deles, o médico interpela-o:

— O senhor, que se diz espírita, continua com sua fé diante desta tragédia exterminando famílias inteiras, o que está também acontecendo com a sua? Que fizeram para merecer tamanha desgraça? É como sempre digo: Deus não pode existir! E o senhor parece impassível diante do que acontece...

— Doutor, respondeu o homem, gostaria que o senhor aceitasse o que vou dizer: sofro como qualquer pai por esta injunção, mas minha confiança em Deus continua viva e inabalável. Creio firmemente na bondade d'Ele e sei que Ele é justo. O homem faz uma pausa, e olhando firmemente nos olhos do facultativo, volta a falar: não posso lhe dizer mais porque nada sei de Seus planos sobre nossa existência na Terra... digolhe, no entanto, que nada altera essa fé que tenho em Deus..."

E Chico continuou, com sua doce voz:

— "A humildade do homem chegou a comover aquele médico de coração empedernido pela descrença. Um tanto abalado pelo testemunho que ele lhe dera, só pôde dizer: — Eu nunca ouvi isso de um pai que perde os filhos..." E Chico volta-se a mim e acrescenta:

— "Eu também, ao tomar conhecimento do seu testemunho vira poucas pessoas dotadas de tamanha fé." Depois de breve silêncio comenta:

— "A fé é um sentimento frágil e incipiente a muita gente ainda, meu amigo. Contudo, quando passa a

ser certeza absoluta do amor de Deus a nós, seus filhos, torna-se comparável àquela dos cristãos que se entregavam cantando para serem imolados nos circos de Roma..."

Neste ponto, outras pessoas interromperam-no e ele não pôde continuar a falar mais sobre a Fé e, quem sabe, compará-la com as virtudes teológicas encontradas em epístola de Paulo: a Esperança e a Caridade. Para mim, no entanto, valeu muito, envolvido que estava com as vibrações do querido apóstolo de Jesus.

Quem recebesse orientação de Chico em seus atendimentos, sempre levava consigo algo mais em seu coração. Contudo, ao lado das dádivas recebidas, estava também a responsabilidade de quem as recebe, pois "a quem muito foi dado, muito lhe será pedido"; está no Evangelho.

12/05/2020

A MELHORA DA MORTE

ROGÉRIO MIGUEZ

A expressão-título deste texto já se encontra incorporada à chamada sabedoria popular, se assim podemos nos expressar, sendo usada corriqueiramente quando a situação se apresenta.

Não é um fenômeno comuníssimo, mas acomete vários pacientes gravemente enfermos, alguns em estado terminal, que, subitamente, apresentam uma melhora temporária e surpreendente em seu estado de saúde, antes de falecerem em seguida.

Tecnicamente conhecida por "lucidez terminal" ou "lucidez paradoxal", chamou a atenção da área médica no século XIX. Observou-se, à época, sua ocorrência em pacientes dementes, portadores de doenças neurológicas ou psiquiátricas, esquizofrênicos, bem como em casos neurológicos, como tumor cerebral, abscesso etc. Há diversas hipóteses que buscam explicar o fenômeno, mas nenhuma delas foi comprovada até agora; ou seja, não há consenso sobre a causa desse inusitado acontecimento.¹⁻²

Como se conclui, os cientistas ainda não conseguiram equacionar essa questão, mesmo lançando mão de todos os avançados recursos tecnológicos disponíveis para o setor médico neste século XXI. Apesar do uso de toda a experiência acumulada por mais de um século, por incontáveis profissionais de diversas especialidades, o fato ainda se traduz em um

mistério, a despeito das várias possibilidades consideradas para explicá-lo.

Cremos que o elo faltante nessas tentativas seja a desconsideração da alma como elemento fundamental presente no homem, em sua imortalidade e no poder dos fluidos magnéticos que todos nós podemos emitir e receber, conscientemente ou não.

O Espiritismo já informou sobre essa realidade, conforme segue, resumidamente, em um caso muito interessante.

Em uma das obras da coleção *A Vida no Plano Espiritual*, relata o autor — André Luiz — que o paciente Dimas havia atingido o tempo final de sua existência; contudo, sua esposa, ao seu lado, emitia forças, pelo pensamento em desalinho, que dificultavam o desenlace, pois tentava retê-lo por mais algum tempo. Diante da situação, Jerônimo e mais dois auxiliares, acompanhantes de André Luiz nesse aprendizado, por meio de passes longitudinais, forneceram ao doente melhoras fictícias, tranquilizando, assim, os parentes aflitos.

Dimas abriu os olhos, trocou algumas palavras com a parentela, todos se tranquilizaram e interromperam, inconscientemente, a emissão de fluidos que o estavam mantendo ligado ao corpo físico. O médico foi chamado e solicitou a todos que deixassem o paciente em repouso absoluto. Tranquilizada pela melhora repentina do esposo, sua esposa recolheu-se ao quarto, abrindo, assim, as portas para que se realizasse o trabalho final, encaminhando a desencarnação do doente. Finalmente, o moribundo pôde desencarnar.³

Há também mais um exemplo dessa providencial medida descrita em outra obra de André Luiz.

Agora, trata-se de Fernando, que havia atingido os momentos finais da existência; contudo, a aflição dos familiares encarnados presentes, emitindo, pelos pensamentos, recursos magnéticos em benefício do moribundo, tinha o poder de dificultar a ajuda do plano espiritual, visando finalizar o desencarne do paciente. Chegado àquele estágio de desagregação corporal, as providências mentais dos afeiçoados eram, então, inúteis.

Sendo assim, Aniceto, o orientador de André Luiz nesse outro relato, delibera pela modificação do quadro de coma. Operando com sabedoria e eficácia os fluidos

imateriais, em breve o médico encarnado informou que os prognósticos haviam melhorado, inexplicavelmente. A pulsação e a respiração estavam voltando ao normal. Alguns familiares se retiraram do aposento, e os fluidos prejudiciais de aflição e desequilíbrio, que eram emitidos ao enfermo, desapareceram sem deixar qualquer vestígio.

Aniceto aproveitou a serenidade do ambiente e iniciou o processo de retirada de Fernando do corpo biológico. Após longos minutos, Fernando estava livre dos implementos carnis, retornando à vida verdadeira.⁴

É oportuno lembrar que nem toda melhora no quadro clínico de um doente em estado terminal implica, necessariamente, a iminência da morte. São muitas as situações possíveis e, em outros casos, a evolução positiva no estado de saúde do paciente se mantém, e o doente se recupera, continuando normalmente a sua existência.

Importante também destacar a força do pensamento, seja para o bem, seja para o mal. Não se pretende aqui sugerir que não se deva pensar no doente, mas apenas lembrar que as forças mentais geradas por familiares e amigos devem ser construídas sem inquietação, ansiedade, aflição ou medo; ao contrário, precisam ser elaboradas no sentido de proporcionar ao moribundo paz e tranquilidade diante da hora final que chegou para ele — e que chegará para todos.

Não sejamos egoístas a ponto de desejar que o ser querido, em sofrimento, permaneça conosco pelos tempos afora, pois ele, antes de ser nosso prezado parente, é filho de Deus. E, se o Criador determinou que a hora fatal chegou para ele, digamos apenas: *faça-se a vontade do Pai*.

REFERÊNCIAS

1. <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/a-melhora-da-morte-existe-que-diz-ciencia-25077672>
2. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57480472>
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da Vida Eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1975. Cap. XIII — *Companheiro libertado*.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988. Cap. 50 — *A desencarnação de Fernando*.

O ESPIRITISMO NO BRASIL ANTES DE CHICO XAVIER

ÉDER ANDRADE

Após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, e o início da publicação da *Revista Espírita*, em janeiro de 1858, por Allan Kardec, os primeiros exemplares da Doutrina Espírita começaram a chegar ao Brasil por intermédio de viajantes simpatizantes do novo pensamento filosófico-religioso.

O pioneirismo do Espiritismo no Brasil remonta, inclusive, a manifestações ocorridas na Bahia por volta de 1845, ganhando maior consistência com figuras como Luís Olímpio Teles de Menezes, responsável pela organização da primeira sessão espírita oficial em Salvador, em 1865. Também sob sua iniciativa surgiu o primeiro jornal espírita a circular no país, *O Écho d'Além-Túmulo*.

Em 1869, com o objetivo de esclarecer, divulgar e responder às críticas dirigidas ao Espiritismo, iniciou-se a impressão do primeiro periódico espírita do Brasil: *O Écho d'Além-Túmulo – Monitor do Espiritismo no Brasil*. Publicado bimestralmente, o periódico foi distribuído no Brasil e no exterior entre os anos de 1869 e 1870.

Com o desencarne de Allan Kardec, em 1869, e a eclosão da Guerra Franco-Prussiana (1870–1871), muitos franceses e outros europeus migraram para o Brasil, fugindo dos conflitos armados. Trouxeram consigo obras da Codificação Espírita, periódicos e exemplares da *Revista Espírita*, que desempenharam papel fundamental no início da divulgação do Espiritismo durante o Segundo Reinado.

Um dos maiores obstáculos enfrentados nesse período foi a tradução das obras para a língua portuguesa, bem como a adaptação do conteúdo à realidade brasileira, fortemente marcada pelas disputas entre ideias monarquistas e republicanas. Em diversos momentos, leitores associavam indevidamente os princípios espíritas às disputas políticas nacionais, o que gerava interpretações distorcidas da Doutrina.

Essa característica estendeu-se até os primeiros anos da República Velha, quando a Federação Espírita Brasileira (FEB) passou a atuar de maneira mais organizada na divulgação do Espiritismo junto à

população. O desconhecimento da chamada Terceira Revelação, especialmente entre as camadas mais simples da sociedade, contribuiu para que o Espiritismo assumisse, inicialmente, um caráter elitizado, em razão do elevado índice de analfabetismo e da dificuldade de acesso a idiomas estrangeiros.

O jornal *O Reformador* foi lançado em 21 de janeiro de 1883 e, posteriormente, tornou-se o órgão oficial de divulgação da FEB. Por esse motivo, acabou tornando-se mais conhecido do que o periódico baiano, cujo período de circulação foi relativamente curto (1869-1870).

Os fundadores de *O Reformador* foram Antônio Pinheiro Guedes, Afonso Angeli Torteroli e o português radicado no Rio de Janeiro Augusto Elias da Silva, fotógrafo e considerado um dos pioneiros do Espiritismo no país. Augusto Elias da Silva também integrou a diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.

Inicialmente impresso em formato de tabloide, com quatro páginas, *O Reformador* manteve esse padrão até o final de 1902, quando passou a ser editado em formato de revista pela FEB. Com circulação quinzenal e tiragem modesta, cumpriu papel essencial na difusão da Doutrina Espírita em território nacional.

O trabalho de divulgação, contudo, permanecia restrito aos grandes centros urbanos. Além do desinteresse de parte da população, os meios de transporte precários dificultavam a circulação de jornais e livros. O cenário era agravado pelo elevado índice de analfabetismo em todo o país, inclusive na capital federal.

Com a Proclamação da República, intensificaram-se os esforços de tradução e publicação de obras originalmente escritas em francês, o que favoreceu significativamente a expansão do Espiritismo, ampliando o acesso da população à Terceira Revelação. A imprensa republicana também introduziu inovações relevantes, como a distribuição de periódicos por carroças e a ampliação da rede de correspondentes.

Em 1889, na cidade de São Paulo, não existiam bancas de jornal; a distribuição era feita de porta em porta. Nesse contexto, destacou-se Antônio Gonçalves



da Silva, conhecido como Bатуíra, distribuidor do *Correio Paulistano*, que se tornou o agente exclusivo da distribuição de *O Reformador*.

Outro marco importante ocorreu em 15 de agosto de 1905, quando Cairbar Schutel fundou, em Matão (SP), o jornal *O Clarim*, também em formato de tabloide. Após *O Reformador*, foi o periódico espírita de maior projeção nacional. Em 15 de fevereiro de 1925, Schutel ampliou ainda mais esse trabalho ao fundar a *Revista Internacional de Espiritismo (RIE)*, dedicada ao estudo dos fenômenos anímicos e espíritas.



Buscando utilizar todos os meios de comunicação disponíveis à época, uma iniciativa pioneira ocorreu entre 19 de agosto de 1936 e 2 de maio de 1937: as Quinze Conferências Radiofônicas, transmitidas aos domingos pela Rádio Cultura PRD-4, de Araraquara. Embora muitos acreditassem que as palestras não teriam audiência, devido ao reduzido número de aparelhos de rádio nas residências, a experiência tornou-se um marco da radiofonia espírita no Brasil.

Esse pioneirismo abriu caminho para iniciativas posteriores, como a atual Rádio Espírita Rio de Janeiro – AM 1400, em funcionamento contínuo no Estado do Rio de Janeiro.

Diversos jornalistas do antigo Distrito Federal também contribuíram de forma decisiva para a divulgação do Espiritismo, mantendo colunas em jornais de grande circulação à época. Destacam-se Antônio Luiz Sayão, fundador do Grupo dos Humildes (posteriormente, Grupo Ismael) da FEB; Bittencourt Sampaio, colaborador de importantes periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo; e Manuel Quintão, que iniciou seus escritos anonimamente e, posteriormente, publicou em jornais e revistas de ampla repercussão.



Com o advento da internet, surgiram inúmeros

sites, blogs e plataformas digitais dedicadas ao Espiritismo. Atualmente, o acesso à informação tornou-se imediato e democrático, diferentemente de décadas atrás, quando dependia quase exclusivamente de bibliotecas especializadas.

Hoje, diversos periódicos disponibilizam seus acervos online, auxiliando pesquisadores, estudiosos e interessados em geral, como a revista *O Caminho*.

Como sintetiza a orientação do Espírito de Verdade:

*“Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento.
Instruí-vos, eis o segundo.”
(Paris, 1860)*

Referências

1. Jesus, Leonardo Ferreira de. *Echo d'Além-Túmulo: Imprensa e Difusão do Espiritismo no Brasil*. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR (São Luís - MA), 2011.
2. Sestini, Gerson. *O Sertão os esperava - Um Tributo a Cairbar Schutel*. Ed. Celd, 2013.
3. Schutel, Cairbar. *Conferências Radiofônicas*. Ed. Clarim, 2013.
4. Wikipédia - Enciclopédia Livre.

HOMENAGEM À ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA ESPÍRITO CONSOLADOR DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Há 93 anos, no dia 5 de fevereiro de 1933, era fundada a **Associação de Beneficência Espírito Consolador**. O que deveria ser mais um centro espírita tornou-se a maior referência em cuidados com o ser humano na cidade e região. Esse grupo, que tinha no seu seio valorosas mulheres como Domingas Ricci do Amaral, Visentina Marcilla Canizza e Maria Guzzi de Carvalho fez o que parecia impossível ainda hoje: construiu o Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes, o Albergue Noturno Protetor dos Pobres e a Creche Irmã Estelita.

Importante: sem recorrer ao poder público.

O Consolador Comunidade Espírita Cristã, do Rio de Janeiro, associa-se à homenagem por ter vínculos com a Instituição, tanto por meio da família Sestini quanto pelo livro sobre a figura de DOMINGAS RICCI DO AMARAL: **A CONDUTORA DE SONHOS**, de Gerson Sestini, publicado em 2003, pela editora CELD.

Gerson Sestini,

Rio de Janeiro, 05/02/2026

LIVRO DO BIMESTRE

Prepare-se para questionar, descobrir e, principalmente, evoluir



Porque ser um viajor na eternidade significa compreender que cada passo, cada escolha, cada momento é uma oportunidade de se ressignificar, renovar e recomeçar.

Em uma jornada que transcende o tempo e o espaço, você é o protagonista de uma aventura eterna - um **viajor** em busca da luz

que habita dentro de si. Ditado pelo sábio Espírito Emmanuel e psicografado pelo médium Chico Xavier, **Viajor** revela as verdades da existência por meio de uma narrativa que toca a alma

Esse companheiro espiritual oferece respostas para as perguntas íntimas que todo viajor faz a si mesmo nos momentos de tempestade e incerteza. Em tempos de transformações aceleradas e questionamento profundos sobre o sentido da vida, aqui você encontrará conhecimentos atemporais que o ajustarão a transcender a perspectiva material e compreender sua verdadeira amplitude na eternidade da existência.

Descubra o que significa ser um viajor na eternidade.

Uma leitura em que o benfeitor espiritual **Emmanuel**, através da psicografia do médium **Chico Xavier**, parece dialogar conosco, fazendo pensar e refletir sobre diversos temas do cotidiano à luz do Espiritismo.

Xavier, Francisco Cândido; *Viajor* (1985); Pelo Espírito Emmanuel; Ed. IDE.

CANTINHO DA POESIA



Auta de Souza, nascida em 12 de setembro de 1876, em Macaíba, Rio Grande do Norte, desencarnou em 7 de fevereiro de 1901, portanto, aos 24 anos, em Natal. Deixou um único livro, *Horto*, cuja primeira edição, prefaciada por Olavo Bilac, em outubro de 1899, apareceu em 1900 e se esgotou em três meses. A segunda edição, feita em Paris, em 1910, traz uma biografia da Autora por Henrique Castriçano de Souza. Finalmente, teve uma terceira edição no Rio de Janeiro, em 1936, prefaciada por Alceu de Amoroso Lima. Espírito melancólico, sofredor, muito místico. Seu estilo simples e triste se reproduz perfeitamente nestes versos mediúnicos:

PRECE

Estendei vossa mão bondosa e pura,
Mãe querida dos fracos pecadores,
Aos corações dos pobres sofredores
Mergulhados nos prantos da amargura.

*

Derramai vossa luz, toda esplendores,
Da imensidade, da radiosa altura,
Da região ditosa da ventura,
Sobre a sombra dos cárceres das dores!

*

Ó Mãe! excelsa Mãe de anjos celestes,
Mais amor, desse amor que já nos destes,
Queremos nós em cada novo dia;

*

Vós que mudais em flores os espinhos,
Transformai toda a treva dos caminhos
Em clarões refulgentes de alegria.

Xavier, Francisco Cândido; *Parnaso de Além-Túmulo* (1932); Cap 17 - Auta de Souza: *Prece*; Ed. FEB.



EXPEDIENTE
CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador-cec.com.br
Presidente: Anuska de Carvalho L. Moreira
Vice-Presidente: José Corni, Éder Andrade
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Jorge Roberto Nogueira
Carta para o Jornal: Aos cuidados do Consolador
Rua Cinco de Julho, 276
Copacabana - CEP: 22051-030
e-mail: jornal@consolador-cec.com.br